

## TEORIA DO RECONHECIMENTO APLICADA À NARRATIVA DE HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS MARCADORES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

### *Eixo Temático 13 – Estudos Críticos das Heterossexualidades*

Laura Meira Bonfim Mantellatto <sup>1</sup>

#### **Resumo**

Com o objetivo de realizar um exercício de aplicação da teoria do reconhecimento, este trabalho apresenta a narrativa de história de vida de Célia. Mulher de 73 anos de idade que, ao longo de sua trajetória, lidou com processos de violência diretamente relacionados a sua identidade de gênero e sexualidade. Considerando que as relações de reconhecimento dizem respeito a etapas do processo de amadurecimento individual, mediado pelas trocas intersubjetivas, os resultados obtidos sinalizam pontos de paragem e inflexão entre as esferas de reconhecimento. A autorrelação de Célia é ora potencializada, ora reprimida. No entanto, ela recupera o contato com o seu desejo, reinvestindo-o criativamente na sua forma de ser consigo mesma e com os outros.

**Palavras-chave:** Teoria do reconhecimento; História de vida; Violência.

#### **Introdução**

A teoria do reconhecimento origina-se de discussões próprias do campo da filosofia social, no entanto, ela se estrutura a partir de conceitos psicológicos, os quais lhe garantem fundamentação empírica. Logo, Honneth (2017) apresenta três esferas de reconhecimento, de modo que, em cada uma delas, há uma variação qualitativa na autorrelação do sujeito que a experencia. Assim, na primeira esfera, a das relações primárias (familiar, amizade ou

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - SP, laura.mantellatto@unesp.br. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo n. 2019/24607-8.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

amorosa), o sujeito tem sua autoconfiança fortalecida. Na segunda, corrobora-se a dimensão do respeito por si mesmo, reforçado pelas leis e normas sociais que organizam a vida cotidiana. Por fim, a última esfera garante ao sujeito sua integração no meio social, fortalecendo seu sentido de pertencimento e contribuição coletiva a partir de suas características pessoais, possibilitando, assim, o desenvolvimento da autoestima. As teorias psicológicas consultadas por Honneth são as de George Herbert Mead, sobre a formação social da mente humana; e, de modo complementar, a psicanálise de Winnicott, com destaque para a importância das relações objetivas no processo de amadurecimento do *self*. Para cada etapa de reconhecimento aqui apresentada, Honneth compreende que há um equivalente negativo, num quadro desfavorável, o equivalente negativo de cada esfera são os seguintes: (1) maus-tratos, (2) privação de direitos e (3) degradação e ofensa (HONNETH, 2017, p. 211). A experiência da recusa - ou impossibilidade de obter o reconhecimento - desperta, então, um conflito, dado desde as microrrelações sociais, atingindo, até mesmo, uma proporção mais ampla de manifestação e organização política, como é o caso dos movimentos sociais de militância e afirmação identitária, por exemplo.

A sequência de esferas de reconhecimento é apresentada por Honneth como estágios correlatos, sendo necessário o reconhecimento da dedicação afetiva (amor) para se alcançar uma perspectiva de si de autorrespeito (justiça) e, só então, alcança-se a capacidade de se identificar e contribuir com causas coletivas (solidariedade). Ainda que apresentada de modo bastante sucinto, a ferramenta metodológica honnethiana permite englobar um número maior de variáveis que atravessam a figura do sujeito nas pesquisas em ciências humanas e áreas afins. Isto porque, este é um recurso que alcança a individualidade sem descontextualiza-la da tecitura de relações em que está implicada. Logo, com o objetivo de ilustrar a utilização desse referencial teórico, será apresentada a narrativa de história de vida de Célia. O exercício de leitura, aqui proposto, se dá a partir de dois marcadores principais: de gênero e sexualidade.

Célia é uma mulher de 73 anos, cor de pele branca, viúva, heterossexual, pensionista, moradora de uma cidade de médio porte, no interior do Estado de São Paulo. Ela nasceu numa cidade vizinha à São Paulo/SP, primeira filha de 11 irmãos, sendo ela - a mais velha. Sua avó materna era quituteira, portanto, Célia passava boa parte do tempo na companhia dela, ajudando nos afazeres da cozinha. Enquanto isso, a mãe cuidava das tarefas da casa e dos irmãos mais novos. O pai era chefe-de-trem na companhia de trens Sorocabana, por isso, chegava a passar dias viajando. As memórias do período de escolarização ocupam um espaço importante na narrativa de Célia, de modo que ela lembra o nome de cada uma de suas professoras e professores. Ela me conta que foi durante o ensino primário que aprendeu a



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

declamar poesia, atividade que mantém até os dias atuais. Quando jovem, no caminho para a escola, Célia encontrava o namorado, rapaz poucos anos mais velho que ela, os dois seguiam juntos, separando-se apenas no ponto de ônibus, onde o rapaz embarcava para estudar numa cidade próxima.

**Célia:** ele (pai) descobriu por que uma vizinha fofoqueira... Sabe aquelas pessoas que fica escondido olhando e ninguém vê? Mas só ela vê... Ela contou para o meu pai. Ela via ele (namorado) me esperando e depois nós dois andando juntos. Meu pai foi lá no ginásio, não deixou nem eu entrar na sala de aula. Falou tanta coisa pra mim... Nossa, dizia que eu não ia pra escola estudar, e sim pra namorar. Me deixou de castigo dentro de casa.

A razão por trás de uma atitude tão abrupta por parte do pai, revela outros desdobramentos. O pai de Célia tinha uma filha fora do casamento, cerca de cinco anos mais velha que ela. As duas se encontravam durante as férias, quando a jovem vinha passar férias na casa da família de Célia, no interior. Em uma dessas visitas, a meia-irmã chamou Célia para um passeio próximo à Estação de trem. Chegando lá, ela explicou que ia buscar água para as duas. Horas se passaram sem que ela voltasse, até que Célia decidiu correr para casa e avisar do paradeiro da meia-irmã. Descobriram, então, que a jovem havia fugido junto com o namorado, os dois embarcaram no trem de passageiros, sentido Presidente Epitácio/SP, pois ela estava grávida. Em vista disso, Célia foi tirada, em definitivo, da escola e passou a ser mantida, na maior parte do tempo, dentro de casa. A mãe adoeceu, por isso, Célia limpava, passava e cozinhava para todos da casa. Com o tempo, ela também começou fazer roupas para os irmãos mais novos, quando o pai a matriculou num curso de corte e costura.

**C:** o curso era dado por freiras, tinha a irmã Gertrudes. Algumas vezes, participávamos de uma atividade em roda, em que cada menina levava uma fruta. Ali, ela (freira) explicava para gente como funcionava namorar, como engravidava, essas coisas. A irmã Gertrudes brincava: “vocês acham que só porque eu sou freira não aproveitei a vida?!” A gente tudo ria. Era divertido, olha só... Até então, eu achava que beijar na boca já era suficiente para engravidar.

Quando completou 18 anos de idade, Célia começou a trabalhar no açougue no bairro. Naquela época, em meados dos anos 60, a rodovia Castello Branco (que liga a região metropolitana ao interior do Estado de São Paulo) estava em processo de construção. Os operários do Departamento de Estradas de Rodagem (DR), instalaram-se numa hospedaria em frente ao açougue, foi quando Célia conheceu aquele que viria a ser o seu marido.

**C:** meu pai tinha um ciúmes que eu não podia falar com ninguém, não podia sair pra lado nenhum... Mas eu já tinha 18 anos. Namoramos por 1 ano. A gente saía, ia na

lanchonete (...) eu queria sair de casa, meu pai me proibia de tudo. Eu casei para sair de casa: foi a pior besteira que fiz na minha vida. Morei 19 anos na cadeia, depois fiquei 40 anos na penitenciária. Bela troca que eu fiz, né? Ele foi muito pior do que meu pai. Marido você tem que obedecer, né? Ele que mandava. Eu não tinha boca pra nada. Não podia falar nada porque eu tava na casa dele.

Os dois se casaram, logo mudaram-se para o extremo interior do Estado de São Paulo. Os sogros trabalhavam no campo, eram boias-frias na plantação de algodão. O marido seguiu trabalhando no DR, enquanto Dona Célia passava seus dias cuidando da casa do sítio onde moravam os todos juntos. O marido não só a mantinha dentro de casa, restringindo a circulação e o contato de Célia com outras pessoas, como também, começava a dar sinais de seu temperamento violento, endossado pelo consumo rotineiro de álcool. A violência escalou quando os dois mudaram-se do sítio dos sogros para a casa própria.

**C:** eu não podia sentir nada, não podia perguntar nada, não podia desejar nada. Eu fui uma tonta, sabe? Eu só sentia raiva e nojo. Eu tinha pavor. Depois, comecei a dormir nos pés da cama e até hoje durmo. Não consigo dormir na cabeceira. Troquei de cama, comprei outra, mas eu não consigo. Mesmo quando vou na casa dos outros. Quando vejo, estou deitada no pé da cama. (...) Os outros falava: “nossa, mas ele (o marido) é tão bom”, é... Bom para os outros, pro boteco... Quando chega em casa, é a mulher que paga (...). Olha, foram 40 anos da minha vida que... Aí eu comecei a trabalhar, fui fazer faxina, fazia almoço, costurava também, comecei a ganhar algum dinheirinho, né? Aí começa a clarear... Você vê as coisas, escuta as coisas... Porque eu não saía de casa, né?

Dona Célia teve três filhos, dois meninos e uma menina. O controle do marido que a mantinha dentro do espaço doméstico foi perdendo força. Isto porque os rendimentos não cobriam as despesas da casa. Quando os filhos ficaram mais velhos, Célia começou a fazer bicos como faxineira e costureira, até que recebeu o convite para trabalhar no *buffet* de uma das patroas. Assim, quando os filhos já haviam se casado e saído de casa, ela continuou no trabalho, mantendo uma fonte de renda própria e, ao mesmo tempo, evitava passar muito tempo dentro de casa, em contato com o marido. Foi quando ela tomou a decisão de voltar para sua cidade natal. Seus pais já tinham falecido, mas um dos irmãos permanecia morando no local. Os filhos a apoiaram e o irmão a recebeu. Ela passou a cozinhar para fora, ganhando dinheiro suficiente para dividir as contas da casa com o irmão. Durante esse meio tempo em que estava fora, Célia recebeu a notícia do falecimento do marido. É quando ela se sente à vontade para deixar a cidade natal novamente, retornando para perto dos filhos. Assim, aos 60 anos, Célia assume seu direito à pensão e a casa deixadas pelo marido. Retoma os estudos, matriculando-se no EJA (Educação de Jovens e Adultos), começa a escrever poesias para

declamar na rádio local e passa a frequentar oficinas na UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade). Pergunto a Célia como o fato de ser mulher impactou a vida dela, recebo uma resposta contundente.

**C:** a pior coisa. Fui tratada como uma empregada, uma escrava... Para mim, é tudo isso... Fui tratada como um poço de lixo, né? Nesse ponto, eu não queria ser mulher, não. Mas tá bom, já passou. Tem coisa que fica na alma da gente, coisa que não tem um jeito de esquecer. Hoje as mulheres acordaram, estão empoderadas. Eu fui muito submissa. (...) Hoje eu sei que fui estuprada muitas vezes, fui obrigada a fazer coisa que não queria, não tinha vontade... Na minha época, era assim, tinha que obedecer o marido. Ouvei falar disso (estupro) só agora, na televisão. Tem que aprender a dizer não, antes só obedecia o marido e acabou. Hoje eu sei que era um relacionamento abusivo, mas naquela época não tinha nada disso: não se falava, se sofria isso.

## Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida seguindo as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade, o qual emitiu uma carta de autorização para que o estudo fosse realizado. O convite para a pesquisa foi disparado online, no grupo de troca mensagens que reúne participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Os encontros com Célia aconteceram presencialmente, na sua residência, ao longo 4 visitas com duração média de 3 horas cada um. Foi apresentado a ela o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo este sido assinado e, a divulgação dos dados obtidos, permitida mediante a garantia de anonimato. O procedimento metodológico de campo foi a narrativa de história de vida (PEREIRA, 2009). Os dados obtidos foram analisados a partir do referencial da teoria do reconhecimento.

## Resultados e discussão

Retomando a esquematização das três esferas do reconhecimento, a partir dos destaques aqui apresentados sobre a narrativa de história de vida de Célia, podemos notar que a esfera referente à dedicação afetiva (1), foi potencializada ao longo da infância, na proximidade com a avó, bem como, na relação com os(as) professores(as) da escola, onde Célia aprendeu a declamar poesia. O amadurecimento a encaminhou das relações de cuidado para o vínculo amoroso com o primeiro namorado. No entanto, o cerceamento do desejo de Célia, por parte do pai, representou uma ferida para sua autoconfiança. Após o casamento, o desfecho de

violência se repetiu. O ponto de inflexão acontece quando Célia é convidada para trabalhar como cozinheira, no *buffet* da patroa. Célia sente sua autoconfiança revalidada. Isto faz com que ela decida voltar para sua cidade natal, onde vai trabalhar vendendo seus quitutes. O apoio dos filhos e do irmão, para que Célia deixasse o marido, foi fundamental nesse processo. Após o falecimento do marido, ela retorna para a cidade onde estão os filhos, assumindo, como viúva, o direito à pensão e à casa deixadas por ele. É nesse momento que pode-se observar uma virada importante: Célia retoma os estudos aos 60 anos de idade, passa a frequentar o EJA e as oficinas da UNATI, onde aprende, inclusive, a mexer no computador e celular. Os espaços de educação oferecidos garantem a ela o reconhecimento do direito ao estudo, à inclusão digital e à convivência social, momento em que Célia tem seu autorrespeito conquistado (2). Por fim, Célia volta cultivar sua sensibilidade, escrevendo suas próprias poesias e as declamando na rádio local. O desfecho é um convite realizado, pelos próprios locutores, para que Célia passasse a frequentar as reuniões de confraternização da rádio, evento que marca a conquista de autoestima, via relação de reconhecimento de estima social (3).

### **Considerações finais**

O exercício de análise da narrativa de história de vida, realizado com as lentes da teoria do reconhecimento, permitiu entender a complexidade dos tensionamentos sociais no processo de amadurecimento dado pelo viés intersubjetivo. Tais pontos de tensionamento se colocam de modo mais expressivo quando acompanhamos a trajetória de grupos que, historicamente, sofrem com a discriminação, exclusão social e violências. Os marcadores sociais da diferença, de gênero e sexualidade, indicam que Célia foi relegada à condição de subalternidade pelas figuras masculinas, os quais dispunham do exercício de poder legitimado por uma ordem social patriarcal. O percurso do reconhecimento, caminhado por Célia, contém momentos de paragem e inflexão. Por outro lado, Célia encontra apoio e recria o acesso ao seu desejo, indicando que a dimensão psíquica do poder marca uma abertura paradoxal para o sujeito, dada entre submissão, por um lado, e a persistência do desejo, por outro (BUTLER, 2017, p. 205). É interessante observar que a trajetória de vida de Célia acompanha importantes mudanças socioculturais na sociedade brasileira, especialmente quanto ao papel da mulher e a proteção dos seus direitos. Movimento este que não é concluído, superado e nunca linear, mas que, como propõe Honneth, é capaz de despertar fagulhas de conflito e resistência, a partir das quais se operam mudanças concretas, como no caso de Célia. Em

contrapartida, há sempre o efeito rebote de conservadorismo, potencialmente perigoso e persistente na atualidade.

## Referências

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2017.

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias.

**História Oral**, [S.l.], v. 3, 2009. Disponível em:  
<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>. Acesso em: 12 jul. 2022.